



MULHER E CORRUPÇÃO: UM OLHAR A PARTIR DA PROFECIA DE ISAÍAS 32,9-20

WOMEN AND CORRUPTION: A PERSPECTIVE FROM THE PROPHECY OF ISAIAH 32:9–20

Virgínia Inácio dos Santos N'kutxi¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-3709-4544>

Resumo

Com o desafio que o profeta Isaías nos traz ao trabalhar a problemática das mulheres relaxadas e tranquilas; o texto articula analiticamente, o pensar profético do poder feminino com a forma e a necessidade de empoderamento feminino dos nossos dias. Quando muitas mulheres militantes ou não do pensamento científico feminino levanta a bandeira de que, com o poder nas mãos das mulheres as sociedades serão mais justas e a diminuição da pobreza será o resultado visível deste governo. A realidade nos mostra que não, necessariamente. Pois há tanta mulher corrupta tanto quanto os homens. E falamos de corrupção em todos os níveis da vida social que ela pode suportar. A boa governação, o bom exercício do poder não passa necessariamente por questões de género, mas pela integridade e carácter do qual este ser humana foi dotado. Pelo senso de responsabilidade, amor ao próximo e respeito ao bem comum.

Palavras Chaves: mulheres, poder, corrupção, aliança, tranquilas e morte.

Abstract

With the challenge that the prophet Isaiah presents to us in addressing the problem of relaxed and complacent women, the text analytically articulates the prophetic thinking on female power with the form and necessity of female empowerment in our times. When many women, whether activists or not within the feminist scientific movement, raise the banner that with power in the hands of women, societies will be more just and the reduction of poverty will be the visible result of this government, reality shows us that

¹ E-mail: vnkutxi@gmail.com. Professora do Programa de Pós-graduação Estudos de Religião e Teologia da Universidade Metodista de Angola, UMA.

this is not necessarily the case. For there are just as many corrupt women as there are men. And we are talking about corruption at all levels of social life that it can tolerate. Good governance, the proper exercise of power, does not necessarily depend on gender issues, but on the integrity and character with which that human being has been endowed. On a sense of responsibility, love for one's neighbor, and respect for the common good.

Keywords: women, power, corruption, alliance, tranquility and death.

Introdução

As profecias têm um jeito muito particular de falar das mulheres, mas aqui não estaremos analisando o pensamento profético, sobre as mulheres, faz-se indispensável abordá-las no pensamento isaianico de forma particular, uma vez que, na perícopes escolhida, acreditamos poder encontrar uma novidade singular, algo que diferencie Isaías dos demais profetas. Neste caso a crítica contra as mulheres nobres e as mulheres tranquilas, que suas práticas corruptas e alienadas, contribuem para uma aliança que não é a aliança com Deus para com o seu povo; que produz vida, mas para uma aliança de morte e, que produz morte do povo. Texto pertinente para os nossos tempos, a luta pela emancipação e o empoderamento feminino está no auge da sua concretização. Pois cada dia vemos mais mulheres ocuparem lugares de realce nas máquinas governativas dos países, dos continentes e mundiais.

Neste sentido, elas se ganharam os mesmos hábitos positivos e negativos do poder, como a vaidade intelectual e biológica; a arrogância intelectual e científica; a corrupção moral e financeira; a luxúria, futilidades e outros. Em todo caso, o que nos espanta e nos intriga no texto do profeta Isaías é perceber que mesmo naquela época tão remota aos nossos tempos, já existiam mulheres tranquilas; estas que sofreram as críticas do profeta e que nós queremos considerar esta tranquilidade de estáveis economicamente. Logo, ou eram autónomas profissionalmente ou eram esposas de homens poderosos. Homens detentores de poder. Ou seja, mesmo em períodos mais críticos, o poder feminino sempre existiu, embora, com particularidades diferentes, mas, as mulheres não foram somente vítimas do sistema ou da sociedade. Em qualquer lugar algumas tiveram e tiveram poder.

O cativante nesta análise é que vemos o profeta incutindo responsabilidade nas mulheres, quanto a manutenção e a preservação da aliança que Deus tem com o seu povo. Neste sentido, a falta desta observância resume-se em morte. Porque o povo de Deus não pode viver sem ela. Ou seja, as mulheres fazem parte do pacto de morte que estaria dizimando a sociedade. Elas, como mães que se esperava decisões mais acertadas que permitiriam a sobrevivência do povo; estavam tranquilas nos seus poderes e/ou posições de privilégio e não se preocupavam com as decisões equivocadas que se tomavam, na elaboração de alianças que não que os levariam a morte.

1. A mulher no conceito e contexto de Isaías

Ao abrirmos a primeira parte do livro de Isaías, logo no primeiro capítulo, percebemos um relato profético que fala sobre um grupo de mulheres muito comum nas falas proféticas: as mulheres viúvas, sem filhos e sem família (Is 1,17.23)². Não muito diferente dos demais profetas, Isaías aqui, clama por justiça a favor deste grupo de mulheres desprovidas de bens e exploradas pelo sistema vigente na época³. Em nossa caminhada, nos primeiros capítulos, encontramos Isaías criticando as mulheres de Sião. Elas foram criticadas por sua altivez, mas nos parece que esta crítica não abrange todas as filhas de Sião, mas somente as filhas mulheres nobres.

Diz ainda mais o Senhor: visto que são altivas as filhas de Sião, e andam de pescoço emproado, de olhares impudentes, andam a passos curtos, fazendo tinir os ornamentos de seus pés, o Senhor fará tihosa a cabeça das filhas de Sião, o Senhor porá a descoberto as suas vergonhas. Naquele dia tirará o Senhor o enfeite dos anéis dos artelhos, e as toucas e os ornamentos em forma de meia lua; os pendentes, e os braceletes e os véus esvoaçantes; os turbantes, as cadeiazinhas para os passos, as cintas, as caixinhas de perfumes e os amuletos; os sinetes, e as joias pendentes do nariz; os vestidos de festa, os mantos, os xales e as bolsas; os espelhos, as camisas finíssimas, os atavios de cabeça e os véus grandes. Será que em lugar de perfume haverá podridão, e por cinta, corda, em lugar de encrespadora de cabelo, calvície, e em lugar de veste suntuosa, cilício, e marca de fogo em lugar de formosura. Os teus homens cairão à espada e os teus valentes na guerra. As suas portas chorarão e estão de luto, Sião, desolada, se assentará em terra (Otto Kaiser, 1983).⁴

Impressionante a quantidade de detalhes descritos pelo profeta, mais, parece uma profetisa falando. Mas a forma como o profeta descreve os objetos de ornamentação feminina e a qualidade dos artefatos a que se refere não estaria ele falando para qualquer mulher nem para todas as mulheres de Sião. Parece-nos que a crítica é dirigida tão somente para as mulheres nobres. Aquelas que ocupam algum lugar importante na corte ou mesmo na sociedade em geral ou as que são esposas, mães, filhas de nobres e dirigentes políticos, religiosos.

Pois, não estariam usando lenços finos as mulheres camponesas, nem muito menos as pobres viúvas com filhos injustiçadas pelo sistema (Is 1,23), andariam em passos curtos para fazerem balançar os ornamentos de seus pés, por mais vaidosas que fossem, suas situações económicas não lhes daria este privilégio. A riqueza de detalhes deste texto nos impressiona, uma vez que mostra a intensidade e a seriedade da crítica, apontando para uma reflexão mais densa e séria sobre o pensamento de Isaías com relação às mulheres. Mais uma vez o profeta nos surpreende mostrando que as mulheres não são vítimas, mas parte de todo um sistema. Elas têm suas obrigações dentro da sociedade que, se cumpridas, ajudariam no todo, fazendo com que a aliança seja respeitada. Mas elas estão distraídas com sua vaidade e não exercem os deveres que lhes cabe, nas posições que ocupam ou nas ocupadas pelos seus homens.

Sobre a senhora nobre, o profeta faz outra crítica, desta feita em oposição à criada (Is 24,2). Não haverá quem se salve na destruição que está prevista. O mesmo que

² Veja também Jr 22,3.

³ Cf. Is 1,2-23.

⁴ Cf. Isaías 3,16-26. Veja também. Cf. Otto Kaiser (1983, p. 325-331).

acontecer à serva, à senhora nobre também ocorrerá. Nestes termos, não há superioridade, nem privilégio de classe social, pois o julgamento é para todas e todos.

Um diferencial importante que encontramos no pensamento de Isaías, e que não havíamos percebido em outros profetas, é a exaltação à mulher estéril (Is 54,1), que poderá ser valorizada pelo seu amado, mesmo sem garantir-lhe a posteridade. É uma posição diferente da maior parte dos textos bíblicos, onde ela aparece como a humilhada (Cf. 1Sm 1,1-27) e a sofredora. Embora, esta imagem esteja mais no âmbito do anúncio profético da volta da fecundidade da terra de Israel, ela é comparada a uma mulher estéril e abandonada que, apesar de sua condição estar fora do padrão exigido pela sociedade, encontra o amor de seu esposo.

Ao lermos com mais perspicácia o texto recebemos que a aparente exaltação à estéril está justamente voltada à possível fertilidade. Então a ênfase importante e valorativa não está na mulher que, sendo estéril ou não, tem algum valor próprio e singular, mas sobretudo na fertilidade que lhe fará mãe. Ela, antes abandonada pela esterilidade, encontrará novamente o amor do amante e terá mais filhos que a casada. Por isso, será mais feliz que a mulher casada. Ou seja, mais uma vez aqui se constata a importância da maternidade. Sua situação humilhante só acaba a partir do momento em que o quadro se reverte. Nisso consiste a legitimação do ser mulher feliz.

Isaías continua fazendo seus anúncios proféticos de consolação ao povo falando que “como a mãe consola seu filho, assim eu vos consolarei” (66,13). O único diferencial raro e bonito que aparece neste texto, está no fato de Deus se comparar à imagem de mãe. Embora este texto já não faça parte do primeiro Isaías e seus autores possam ser outros, como nos atesta a crítica literária, a imagem materna nesta profecia se torna novidade no pensamento profético. Ainda assim, não é motivo de muita satisfação, pois a imagem de Deus aqui é vinculada à mãe e não à mulher, no entanto, quando Deus aparece vinculado ao homem, independe de ser pai ou não. Numa sociedade onde o sistema vigente é o patriarcado⁵, tais referências já não consistem em novidade para os nossos dias.

Como a análise nos pode mostrar o fio condutor do pensamento profético isaiânico também não difere dos demais profetas e do entendimento do Antigo Testamento. Mulher existe para a maternidade e nisso consiste seu maior contributo⁶ para a sociedade e sua legitimidade enquanto um ser que pode ter direitos, ainda que poucos.

⁵ O patriarcado encontra expressão quando os homens se tornam norma para atividade humana. Quer sejam eles o único sexo que se procura apresentar sendo eles as únicas personagens significativas da história. Cf. em A. L. Laffey (2018, p. 202) e E. Schüssler Fiorenza (2004, pp.156-158).

⁶ Falamos em contributo porque no pensamento dessas sociedades é isso que ela pode fazer para a sociedade da qual ela não é considerada parte integrante. A mulher não faz parte da construção da sociedade, mas apenas contribui com o pouco que tem para o desenvolvimento da sociedade.

3. Quem são as mulheres “tranquilas e as filhas “confiantes”

A maior parte dos textos bíblicos apresentam linguagem masculina⁷, e somente, uma vez ou outra é que se refere de forma exclusiva⁸, definindo explicitamente que se trata de um homem ou de uma mulher. Ao lermos os primeiros capítulos da perícopes estávamos cientes de que o profeta estava a usar a linguagem inclusiva, comumente utilizada, para se referir a todos os elementos negativos e positivos tanto dos nobres, governantes de Judá, dos profetas e sacerdotes assim como do seu povo em geral. Mas nos demos conta de que a fala não era para todos, pois em 32,9-14 o profeta se refere especificamente às mulheres.

Este fato nos intrigou e nos perguntamos porque o profeta fala das mulheres separadamente dos outros grupos criticados. Será pelo fato de se esperar delas, socialmente, uma atitude diferente da do homem (devido ao estereótipo que patenteia a mulher como mais sensível⁹ que o homem, e que, por isso, deve ter comportamentos exemplares)? Ou simplesmente pelo fato dela não estar socialmente inserida nas esferas políticas e religiosas¹⁰, enquanto formadora de opiniões, ou seja, pelo fato de naquela sociedade ela, na maior parte das vezes, não ser uma líder política ou religiosa¹¹? Ou

⁷ “Muitas vezes as traduções usam a palavra ‘homem’ quando teria sido melhor dizer ‘pessoas’ ou ‘ser humano’, por exemplo, quando o paralelismo poético justapõe ‘homem’ e Deus ou ‘homem’ e ‘animais’.” (Laffey, 2018, pp. 20-23). Como exemplos Is 1,2. 4; 30,9 e 31,1, onde o termo filhos substitui a palavra povo. É por estarmos acostumadas com esta linguagem que pensávamos que a profecia do bloco Is 28-32 era dirigida a todo o povo e que nisso, as mulheres estavam incluídas como de costume, mas nos surpreendemos quando no final do bloco o profeta dedica um momento especial para elas. Advertindo-as de forma singular e tratando com elas assuntos que pudesse tocar em seus corações, como a falta de alimento e a destruição dos campos como consequência da infertilidade da terra. Mas este alerta e admoestação surge também dentro do pressuposto patriarcal que define e prepara a mulher para as atividades domésticas, atribuindo-lhe o caráter sensível e instintivo de lidar com a família e as coisas do lar.

⁸ Linguagem exclusiva seria a linguagem que exclui o feminino dentro do masculino, aquela que trata de masculino quando é homem e do feminino quando se refere à mulher sem que o último esteja implícito no primeiro. “As gramáticas usam os termos masculinos- femininos um modo classificatório e distinguem entre o chamado gênero ‘natural’ e o gênero gramatical de uma palavra, por exemplo, no latim inglês ‘lua’ é uma palavra feminina, mas, em alemão é masculina. A distinção entre gênero natural e gênero gramatical oculta, sem dúvida, o fato de que todas as classificações linguísticas baseadas no gênero são de índole gramatical. Dito de outra forma mascara a realidade de que todas as classificações baseadas no gênero constituem um processo linguístico-simbólico ‘naturalização’ do gênero gramatical convertendo em um ‘eixo biológico’” (Schüssler Fiorenza, 2004, p. 155).

⁹ O posto secundário das mulheres é consequência de uma situação socioeconômica e não de um julgamento de valores (Cf. Eisenberg, 1997, p. 47; cf. também Schüssler Fiorenza, 1988, p. 94-104).

¹⁰ Uma vez que a sociedade patriarcal reserva a mulher para o espaço doméstico, ela não faz parte das imagens mais comuns de Deus. Por isso, como o homem é o padrão de ser humano e ocupa e arquiteta todas as esferas políticas e religiosas, consequentemente, as imagens divinas estão associadas a ele. E Isaías não foge da regra de sua sociedade. Desta feita, do mesmo jeito que os homens procedem assim Deus o faz. Por exemplo, os homens são guerreiros e Deus também é (Is 1,9; 13,4-5); recebe o nome de Israel e nomes masculinos e é Deus deles (Is 2,3; 10,20; 29,22; 29,23). Ambos são senhores (Is 9,5) e a ambos são atribuídos outros títulos masculinos que podemos encontrar em muitas referências bíblicas (cf. Laffey, 2018, pp. 202-209). Gostaríamos muito de ter encontrado textos sobre o pensamento profético de Isaías referentes às mulheres, mas sobre essa problemática não encontramos literatura. Este fato evidencia a originalidade do nosso trabalho, mas ao mesmo tempo, o debilita por falta de referências consistentes e sustentáveis.

¹¹ “As mulheres quase sempre aparecem acopladas aos homens que podem ser pais (Gn 19, Lv 24, Nm 26), maridos (Gn 16,25; 22; 25; 26,28; Êx 2.18; 6), filhos (Nm 26) ou irmãos (Êx 15; Lv 21,3). (Cf. Laffey, 2018,

então, por se tratar de um grupo à margem da sociedade¹² que necessitava de uma admoestação diferenciada?

O fato mais marcante da nossa inquietação encontra-se na possibilidade delas não estarem inseridas nem na categoria “meu povo”. Seria isto possível? Vamos percorrer juntas/os o desenvolvimento deste capítulo e vejamos se elas estão dentro deste grupo ou não. Pois na mentalidade daquele povo ou de uma sociedade androcêntrica¹³ tudo é possível, embora aqui não estejamos já afirmando que elas não estejam, mas apenas levantando a possibilidade, pois se o profeta fez um apelo diferenciado e específico ao grupo, o que significa que alguma coisa estava errada de forma singular.

Ao se referir às mulheres “tranquilas” e filhas “confiantes”, parece que o profeta está falando de dois grupos distintos que num primeiro momento são chamados à atenção de forma separada e distinta; “vós mulheres tranquilas, levantai-vos e ouvi minha voz (Is 32,9a). Nesta sentença, o profeta tem três ações dirigidas somente às mulheres tranquilas. Primeiro chama-as à atenção “vós mulheres tranquilas”, como se estivesse dizendo, mulheres tomem cautela, cuidado! Depois ordena que se levanten.

A impressão que dá é de que estas mulheres eram preguiçosas, estavam descuidadas, sentadas na tranquilidade de suas casas enquanto a cidade, o país estava desabando, desarticulado com toda a confusão política que se instaurara em Judá¹⁴.

pp. 20-23). Por este motivo elas não estão associadas à imagem de Deus como citamos na referência anterior.

¹² “O modo como as mulheres são indetificadas nos textos é a chave para entendermos sua função na sociedade qual o valor que a sociedade lhes atribuía. Em contraste com o que poderíamos esperar, os séculos patriarcais durante os quais o Pentateuco foi elaborado valorizava as mulheres. No entanto, o valor das mulheres estava associado a certas funções e tarefas. A mulher justificava sua existência como filha pelo seu futuro papel de gerar filhos para o seu marido. As mulheres que não conseguiam cumprir as responsabilidades deste papel (as estéreis), as que eram infiéis a essa missão (as prostitutas, adúlteras), ou as que danificavam a auto compreensão de Israel pela idolatria (as mulheres estrangeiras)- todas essas eram rejeitadas pela sociedade”. (Laffey, 2018, p. 21).

¹³ “Trata-se de uma categoria funcionalista que enfoca as relações homem-mulher de uma maneira dualista, em termos gerais “gênero”, e não tem em conta que são geralmente às mulheres e não aos homens, que se atribui sua posição. A categoria “androcentrismo” (que deriva do grego *aner*) designa literalmente “o homem como centro. Igual à categoria “gênero”, designa diferenças socialmente construídas entre sexos, no entanto, a diferença de “gênero”, “androcentrismo” não se limita a construir diferenças de sexos dualistas, mas, também determina a relação de poder entre os sexos. O homem é o ser humano paradigmático que ocupa o centro das sociedades, culturas e religiões androcêntricas, a mulher é o outro. A ideologia do androcentrismo está tão extensa graças ao que se impinge através da estrutura gramatical das línguas ocidentais antigas e modernas, tais como o hebraico, o grego, o latim, o inglês e o castelhano”. (Schüssler Fiorenza, 2004, p. 155).

¹⁴ Sobre a situação de instabilidade política e social de Judá nesta época podemos encontrar embasamento nos relatos de 2Reis 18-20, que com uma riqueza de detalhes relata sobre as reformas no reinado de Ezequiel, assim como o livramento que teve Judá nas duas tentativas de invasão de Senaqueribe, mas que culmina na guerra e destruição de Judá. É esse o contexto da atuação de Isaías contida neste bloco em estudo 28-32.

“O primeiro Isaías (cap. 1-39) proclama a sua mensagem no contexto da guerra sírio-efraimita e da crise assíria do reinado de Ezequiel. Nos meados do século VIII a.C., a Assíria era uma clara ameaça para Israel. Para livrar-se da ameaça, Israel fez aliança com a Síria, outrora sua inimiga. Mas mesmo juntos não eram suficientemente fortes para se defenderem da Assíria. Por isso, pediram o auxílio de Judá. Quando Judá recusou-se a entrar na coligação, eles, desesperados, idearam um plano para destronar o rei de Judá e substituí-lo por outro que colaborasse mais. Para impedir que acontecesse isso, o rei de Judá, desobedecendo a advertência de Isaías, fez aliança com a Assíria. De certa forma Judá chegou a acreditar

Levantai-vos! Quer dizer, façais alguma coisa, mas deixeis de estar aí sentadas como se não tivessem nada a fazer, finalmente Isaías diz: “[...] e ouvi a minha voz”. Vós precisais estar atentas ao que se passa em vosso redor. Ouvi a minha voz, não estejais aí, sentadas e surdas- apáticas ao que está acontecendo.

O texto nos dá também a liberdade de pensar em mulheres tranquilas economicamente. Mulheres com estabilidade financeira e que pensavam que, por causa da sua condição económica, nenhum mal as poderia atingir. Acomodadas com a suas situações de vida. Não ajudavam nas decisões pertinentes que poderiam mudar o curso da sociedade. Mas aí vem a sentença profética de Isaías. Levantai-vos e ouvi a minha voz, porque estais seguras no conforto de vossos lares achando que nada vos acontecerá. Enganai-vos porque: aí vem a sentença para os dois grupos que apreciaremos ao analisarmos as filhas confiantes. Nos perguntamos se o texto está muito distante da realidade que nos rodeia. Nos perguntamos se as muitas mulheres que estão nos poderes, chegando mesmo a presidentes, têm ajudado a mudar as políticas dos mesmos ou se acomodam ao sistema e ficam tranquilas garantindo a manutenção dos seus poderes e nada fazem a favor do pobre e do indigente.

Estará de facto a fazer diferença, a liderança feminina dos nossos tempos. Ou suas lideranças tem se mostrado tão corruptas quanto as dos homens? Na segunda sentença o profeta já não fala das mulheres tranquilas, mas sim das filhas confiantes e a estas apenas pede que escutem. A este grupo não há um pedido mais ativo, referente a tomada de uma atitude mais concreta, como a do primeiro grupo que precisavam levantar. A estas, o profeta pede apenas a atenção, para ouvirem o que não esperavam. Para ouvirem o que sua confiança não as permitia perceber, “por anos e dias, tremereis confiantes, pois se destruirá a vindima, e a colheita não virá” (Is 32,10).

O mesmo termo “tranquilo” (Cf. Cohen, 1998, pp. 1505-1506) é usado pelo profeta para julgar a atitude confiante e despreocupante das mulheres aparece em outro momento como uma atitude salvífica (Is 30,15). Neste caso, a “tranquilidade” pode apoderar-se de uma conotação negativa ou positiva, dependendo de em quem é depositada a confiança que dá a “tranquilidade”. Contudo, se a confiança for depositada em Javé e a tranquilidade vier desta atitude, é agradável aos olhos de Javé. É justamente isso que não estava acontecendo com as mulheres.

No entanto, por motivo o profeta ao falar das “filhas confiantes” as alerta que tremerão e que não teriam colheita? Porque elas precisavam saber da falta de alimento que estava por vir? Pelo simples fato de serem mulheres, consideradas como as articuladoras do lar, que em primeira instância sentiriam falta dos produtos do campo na cozinha, pois não teriam o que dar a seus filhos e maridos? Ou existe outra questão de fundo social e político provavelmente as filhas confiantes eram camponesas e estavam

que tendo Javé como seu Deus, nada realmente mau poderia lhe acontecer; nunca poderia ser totalmente destruído. O texto do primeiro Isaías adverte de modo diferente. A arrogância e o orgulho do povo haveriam de causar a sua ruína. Embora o livro console o povo anunciando que um resto voltará, não obstante, antes que isso aconteça, Judá será destruída. O livro avisa o povo de Judá, que já não se voltava para Javé no tempo da necessidade, mas pedia auxílio a potências estrangeiras, que as mesmas nações que procuravam como aliadas em breve se tornariam suas inimigas.” (Cf. Kaiser, 1974, pp. 234-236; Eissfeldt, 1967, p. 305; Laffey, 2018, p. 195).

mais vulneráveis às consequências das alianças de morte, que seus parceiros (governantes, sacerdotes e profetas) estavam a fazer?

Com o controle total do território, seus campos seriam tomados ou transformados em campo de guerra e não poderiam produzir a quantidade costumeira. Outra possibilidade seria que, com o controle da Assíria sobre Judá, elas teriam que produzir muito mais e ainda assim não seria suficiente para a manutenção de suas casas e sociedade, porque teriam que pagar com os produtos impostos altos ao governo?

Por isso, escutai as minhas palavras, por isso, tomai atenção, se estais confiantes em vossas alianças¹⁵ achando que vai tudo bem e que nada vos atingirá, enganai-vos. As catástrofes resultantes não preservação da aliança com Javé com a consequente nova aliança que vós e vossos líderes, governantes, sacerdotes e profetas fizestes com a morte será maior do que vós podeis imaginar. Faltar-vos-á pão na mesa e tremereis de fome.

O termo “filhas” nos faz pensar que estas mulheres pertencem ao grupo do “meu povo”. Até vos filhas confiantes ficastes surdas e não ouvis mais o que digo, por favor, “escutai minhas palavras” se continuardes assim ireis ficar sem comida. E este apelo é muito significativo e arrepiante, principalmente para as pessoas que sabem de fato, o que é passar fome, para as pessoas que já passaram por experiências de guerra e sabem o que significa a vindima ser destruída e não ter colheita nenhuma. É o fim. Passar fome, não ter o que colocar na mesa para os filhos, principalmente, é a pior experiência que um ser humano, uma mulher pode passar na vida.

Uma senhora amiga que morava no Huambo¹⁶ me contava que quando a guerra estava bem acirrada, eles se escondiam em buracos feitos na terra, como se fossem de ratos. Ficavam lá até perceber que os bombardeios diminuíram e deixavam as crianças para irem procurar alguma coisa para comer. Enquanto isso, elas acendiam o fogo e colocavam pedras na panela com água para enganar as crianças. Assim elas se distraíam brincando na esperança de que a comida pode demorar, mas a qualquer momento iremos comer, pois já está no fogo.

Nós, em Luanda, experimentamos coisas semelhantes. Lembro-me de que uma vez minha mãe me mandou acender o fogo e colocar umas pedras roxas que tínhamos no quintal, para que meus irmãos menores pensassem que estávamos assando batatas doces. Enquanto isso, ela ia, sem saber onde e sem ter hora para voltar, à procura de

¹⁵ Isaías insistiu no não-envolvimento judaíta na política internacional: nem se submeter à Assíria nem se juntar num ataque contra a Assíria. Este conselho atestado igualmente em outros vários profetas israelitas, foi entendido muitas vezes como um julgamento limitadamente religioso (já que alianças exigiam o reconhecimento formal das divindades dos aliados) ou como uma opinião irrefletidamente utópica (visto que Javé poupará sem esforço humano!). De fato, o profeta parece ter acreditado que aquilo que era requerido no aspecto religioso, também era prático no aspecto político. Sua concepção de ação no mundo foi o que se denominou “teopolítica”. Uma vez que Javé é Senhor do mundo das nações, o que é justo para Judá também o há de ser nos melhores interesses nacionais e conduzirá ao bem-estar total do povo (Cf. Gottwald, 1988, p. 357 e Kaiser, 1974, pp. 325-331).

¹⁶ Província (estado) do sul de Angola, onde a guerra foi mais acirrada e nos dias de hoje, ainda podemos ver as consequências da guerra em todos os níveis sociais, estruturais e ecológicas.

comida¹⁷. As crianças esperavam até dormirem de fome¹⁸. Às vezes, choravam e nós, os mais velhinhos, cantávamos e orávamos como forma de alentá-las até dormirem famintas. Este texto me trouxe à lembrança experiências tristes e dolorosas, mas que serviram em muito para o meu crescimento e para me tornar a pessoa que sou hoje. Estou imaginando que as mulheres de Judá passariam pelo que as mulheres de Angola passaram. Mas preciso parar por aqui, porque o texto segue e ainda tem muita coisa boa, ou dolorosa para se relembrar, articular e analisar nesta perícópe.

Voltando ao texto, já no v.11a, o profeta fala para as duas categorias de mulheres “tremei, tranquilas e estremecei, seguras”. Mas o pedido feito a elas é de humilhação profunda e trabalho espiritual, de despojo e nudez “despi-vos e ponde-vos nuas, cingi vossa cintura” (v. 11b). A situação é tão complicada que vós precisais fazer alguma coisa e no momento, precisais se despir como símbolo de arrependimento e contrição pelo vosso descaso com a aliança de Javé. Pela vossa convivência com a aliança com a morte, tereis de cingir as vossas cinturas, pois sobre os peitos batereis, ou seja, vós lamentareis e chorareis nuas porque fostes imprudentes, ficastes confiantes e tranquilas em vossas alianças de morte. Passareis fome, pois vossa súplica virá devido ao campo de esplendor e por causa do fruto da videira que não tereis. Morrereis de fome, pois, a vossa aliança é de morte e produzirá morte.

Haverá infertilidade (Cf. Swenney, 1996, p. 418) nos campos, que ficarão cheios de espinheiros e espinhos. Isso significa que nem os animais poderão habitar lá. Neste

¹⁷ Antes mesmo deste processo de reconstrução já tínhamos ajudas humanitárias no período de guerra. Neste sentido, é muito doloroso ter que falar das ajudas ditas humanitárias vindas das instituições não governamentais da ONU como: o PAM, e outras não pertencentes a ONU, como: a Cruz Vermelha. Lembramos com tristeza das doações que estas organizações faziam. A alimentação não passava de feijão, milho, fubá de milho amarelo, peixe seco, óleo; todos podres, saindo bichos ou tão antigos que para o feijão cozer tinha que ficar no fogo o dia todo e nem assim cozinhava. Nossas mães tinham que ser muito criativas desdobrando-se para poder alimentar seus filhos com alimentos alternativos.

Uma senhora entrevistada no Huambo com muita tristeza lembrou-se lamentando o fato do feijão e dizia: nós já famintos passávamos o dia todo buscando muita lenha para cozinhar o feijão e, ainda assim, o feijão ficava parecendo tremoço, não cozia. O fubá era tão antigo que tinha o sabor amargo e o cheiro que tinha, era diminuído com gotas de limão. O peixe tão velho e amarelo tinha que se pôr na água dois dias antes da cozedura e mesmo assim depois de cozido deixava nos dentes e na língua uma camada de sebo que nem lavando a boca eliminava.

Nossos intelectuais lembravam-nos disso questionando as entidades que prestavam tais ajudas, por exemplo: a ajuda que se dava aos eslovacos que apesar de estarmos nas mesmas condições de guerra e sermos ajudados pelas mesmas instituições da ONU sua base de alimentação era composta de arroz, açúcar, leite e outros que nós angolanos não víamos nem tínhamos direito. Para os angolanos apenas restava o feijão, peixe e milho antigo, tipo de alimento que não damos nem para o nosso animal de estimação.

Depois de reclamarmos, recebemos algumas vezes arroz bem antigo, tão partido e escuro que no fim do saco a camada era como se fosse farelo misturado com as cascas do arroz, areia e os bichos; o açúcar (que chamamos de açúcar mulato), por ser muito escuro, cheio de lixo e retalhos de sacos de camurça, para ser consumido primeiro, peneirávamos (para tirar os pedaços de saco e outros lixos) e depois lavávamos (para tirar o lixo mais leve que não ficava na peneira). Alguém já havia visto o açúcar ser lavado alguma vez? Creio que não. Mas nós já. Era a única coisa que podíamos fazer! Cf. Santos 2003, pp. 164-173 e 2005, pp. 139-161).

¹⁸ Quando ela chegava trazia aquele feijão que demorava mais de três horas para cozinhar, grosso, velho e cheio de pedras, oferecido pelo PAM. O “benedito” PAM, eu chamo de desencargo de consciência dos países fazedores de guerra, que fomentam as guerras para proveito próprio e depois enviam, os restos dos SUS estoques, comidas vencidas e sem qualidade nutritiva nenhuma, na verdade enviam o seu lixo para o povo em guerra comer.

sentido, podemos supor que as mulheres às quais Isaías se refere não são necessariamente as camponesas que teriam de trabalhar mais para dar seus produtos como imposto aos opressores, mas sim as donas de casa, as mulheres como líderes do lar e da casa, que lamentarão por não terem o que dar a seus filhos para comer.

Por outra, não são apenas os campos que ficarão cheios de espinhos, mas, as “casas de alegria na cidade jubilosa” (Is 32,13b), nestas também crescerão espinhos. A que casas se refere o profeta? Casa mulheres como líderes do lar e da casa, que de alegria na cidade jubilosa é uma casa de diversão ou é uma referência aos palácios e centros de convivência dos governantes e nobres? Não sabemos ao certo de que lugares se tratam, mas o fato de ficarem tomados por espinhos é um evidente prenúncio de guerra e um consequente êxodo. Suas vidas de luxo e festas se transformarão em luto¹⁹; o bater no peito cingindo as cinturas e lombos com cinza é um ato de choro e de luto.

A cidade estará abandonada e os espinhos, capins e outros tomarão conta dela, até os palácios serão abandonados (Is 32,14a) a multidão da cidade a abandonará. As pessoas fugirão da cidade em busca de lugar seguro, pois a cidade já não será um habitat seguro, uma vez que o Ofel e a torre de vigia serão tomados, e ficarão cobertos de espinhos e escondidos pelos campos desnudos para sempre. São sinais de que a segurança desaba e as confiantes, seguras e tranquilas não poderão mais ficar sossegadas, pois a cidade não traz mais segurança para elas e suas famílias.

Em meio a tanta calamidade e despovoamento da cidade, somente os jumentos e os rebanhos ficarão felizes (Is 32,14b), pois estes terão pasto porque não têm cota parte nas alianças de morte. Uma vez a cidade e os campos estarão todos cobertos de espinhos, estes terão alimento, mas a população não terá. Esta lamentará porque não terá o que comer e porque suas casas, palácios e a cidade serão destruídos e terá de fugir porque na cidade não mais terão segurança. Por terem sido imprudentes e terem mostrado descaso ao compromisso com Javé, verão a morte com fome e falta de sustento como resultado da aliança de morte por eles realizada. Este será o resultado da sua falta de confiança total em Javé. E as mulheres têm parte de culpa nisso, porque se acovardaram em sua tranquilidade e confiança na política implementada pelos seus governantes. O resultado desta confiança²⁰ em pessoa errada é ficarem sem sustento para seus filhos, para suas casas e perderem a estabilidade em todos os níveis.

Concluindo, as mulheres tranquilas e filhas confiantes são as mulheres domésticas, as esposas e filhas dos governantes e dirigentes²¹ de Judá. Elas confiavam e acreditavam nas alianças políticas exercidas por seus mais próximos, por isso,

¹⁹ Nos ritos de dó, aparecem o luxo e o divertimento de mansões e de palácio. Para mostrarem o luto, as mulheres descobriram o peito e cingiam saia de estamena. Baluarte e Atalaia aludem às fortificações de Davi e dos seus sucessores, indicando que nada servirão as orgulhosas defesas da capital (Cf. Schökel & Diaz, 2004, p. 243 e Sweeney, 1993, p. 411-412).

²⁰ O castigo consistia na mudança da situação, marcadas por fortes oposições, bastante alteradas (embora não lapidares como as de 3,24). Confiar e despreocupar-se, estremecer e tremer e, ritos de dó, casas, cavernas, campos, pastos, divertidas de sertã etc. Eis algumas alterações mais notáveis (Cf. Schökel & 2004, p. 243).

²¹ Para o modo de pensar de Isaías, as tradições davídicas continham todos os padrões éticos e teológicos e orientações políticas necessárias para os chefes de Judá recuarem do seu orgulho propositado rumo à destruição (Cf. Gottwald, 1988).

entendemos que, pela primeira e única vez, no bloco todo o profeta faz referência às casas de alegria, ao palácio, ao Ofel e à torre de vigia. Somente a estas mulheres estes lugares fariam tanta falta e doeria de forma imensa vê-los abandonados e tomados pelos espinhos transformando-se em lugar de pastagem do jumento e dos rebanhos. Para o profeta fazer referência a estes lugares, que antes não o fez e o faz justamente ao se referir às mulheres é porque elas tinham estes lugares como importantes e seus lamentos seriam justamente porque, além de não terem mais comida em suas mesas, também não teriam comida nem bebida para seus banquetes nas casas de alegria. Nem teriam mais o palácio como referência, nem muito menos a torre de controle como segurança para a cidade. Resumindo e concluindo, podemos perceber com clareza a que mulheres Isaías se refere, tendo em conta a referência às casas de alegria, ao palácio, ao Ofel e à torre de vigia (32,13-14).

4. Há relação entre as mulheres e a aliança com a morte/a corrupção?

Como pudemos analisar no primeiro capítulo, onde discutimos a estrutura e coesão do bloco, todos os temas que compõem os capítulos 28-32 estão interligados, à questão da aliança e, a abordagem referente à mulher não se difere deste quadro. Embora o profeta não tenha feito de forma explícita a ligação estreita entre as mulheres e a aliança com morte, os indícios apresentados pelo texto fazem-nos crer que algo existe de importante nesta relação que levou o profeta a falar para as mulheres nos termos que o fez.

A forma ríspida como Isaías as aborda chamando-as de “tranquilas e “confiantes” e a sentença a elas destinadas nos faz pensar na seriedade de sua profecia. A situação estava de fato mal, acordos de morte estavam sendo feitos e elas não estavam preocupadas. A acusação de sua tranquilidade leva-nos a cogitar que elas tiveram cota parte de responsabilidades, pois não se importavam com o que estava acontecendo. Sendo assim, o profeta alerta para um possível sofrimento, como consequência direta de sua confiança excessiva nos planos políticos.

Luís Alonso Schökel aborda um pouco a relação destas mulheres ricas, mas sua visão sobre estes ditos se diferencia do meu entender e por isso não nos ativemos a ele, mas passaremos a citá-lo conforme referência abaixo²² para termos uma visão diferente do que pensei e percebi nestes textos. Pois para mim existe sim uma crítica à falta de confiança em Deus. A crítica é sutil, mas está aí, pois a censura da tranquilidade está justamente no fato desta não ser em Deus. Se sua tranquilidade e confiança excessiva fossem a Javé – “eis que assim diz, o Senhor Javé: no repouso e na calma, sereis salvos, no sessego e na confiança estaria a vossa força, mas, não quisestes” (Is 30,15), elas não estariam sendo admoestadas pelo profeta.

²² Estes oráculos contra as mulheres ricas e confiantes, compara-se com Am 4,1-3; Is 3,18-26. O profeta dirige-se a elas com os verbos de 1,2.10, em tom solene. O pecado dessas mulheres é a falsa confiança, ou a confiança em bens instáveis; não se diz que elas explorem os pobres (como em Am 4,1), nem que se esqueçam de Deus. Isso poderia ser implicado na simples ausência de Deus como base da confiança. Pelo contexto, essas mulheres põem sua confiança nas colheitas e vindimas, nos produtos da terra. À confiança une-se despreocupação semelhante à de 22,13 (sem cinismo) ou a visão imanente de Deus (Dt 8,12-17.; cf. Alonso Schökel e J. L. Sicre Diaz (2004, p. 243).

Coniventes com o sistema político vigente que firmava acordos com outras nações, sem ter em conta os preceitos de Javé e rompendo com isso, com a aliança firmada entre Javé e seu povo, sua tranquilidade teria um fim e este seria trágico. Ficamos pensando se esta prática não se assemelha a muitas dos nossos dias, onde governantes firmam contratos que comprometem a sobrevivência económica de todo um país, por várias e várias gerações. Deveríamos ter aprendido com a profecia de Isaías. Confiar em Deus, somente em Deus e não se corromper com nenhuma oferta possível.

Para falar deste fim nefasto o profeta usa uma linguagem poética: “tremei, tranquilas, e estremecei, seguras (Is 32,15). O profeta joga com as palavras tranquilo e tremei; seguras e estremecei. “Tranquilas” é um adjetivo que abrange a semântica de situações em que reina a calma, o equilíbrio. Pode ser também algo que se efetua ou decorre de modo regular. De natureza calma e estável, é aquele que é seguro de si e se acha certo. Estes adjetivos contrastam justamente com o verbo “tremar” que significa “estar com medo”, “temer”, “tiritar por efeito de algo”, “estremecer” ou “assustar-se”. Ou seja, as que se consideravam estáveis e inabaláveis teriam suas situações revertidas e seriam extremamente abaladas. Sua estabilidade seria reduzida a uma instabilidade tal a ponto de não terem o que comer.

Por esta instabilidade que se instaurará irão “despir-se, e pôr-se nuas, e cingirão sobre suas cinturas (sobre vossos lombos). Sobre os peitos baterão, por causa dos campos de esplendor por causa do fruto da videira lamentarão” (Is 32, 11b-12). Todo isso lhes ocorrerá por falta de obediência a Javé, por serem coniventes com as alianças de morte que os governantes estavam a fazer (28,15-18). Concluindo e olhando pelo prisma que acabamos de analisar, as mulheres neste bloco têm tudo a ver com a aliança com a morte. Elas fazem parte dos responsáveis pela quebra da aliança de Javé, por isso a elas é imputada parte da responsabilidade pela destruição de Judá e a consequente desestabilidade do povo da aliança. Mas isso não seria o fim, pois Javé as salvaria (cf. Swenney, 1996, p. 418).

Considerações finais

Esta profecia de Isaías admoestando as mulheres nos mostra mais uma vez, que por mais patriarcal que seja uma sociedade, as mulheres têm sempre papéis e participações importantes de decisão na mudança ou perpetuação das matrizes da sociedade. Em outras palavras, diríamos que elas não são parte da sociedade que participam de uma ou outra atividade ou estrutura social, mas elas juntamente com os homens são a sociedade e elas juntas ou separadas dos homens arquitetam mudanças, consolidam ou desestabilizam padrões que dão sustentação a suas sociedades.

No início da análise desta perícopes referente às mulheres, nos perguntávamos porque Isaías teria falado em separado das mulheres. Tivemos uma percepção errônea do profeta por este gesto, pois, acostumadas com a linguagem patriarcal (masculina) desejávamos que elas estivessem subentendida nas admoestações gerais dos capítulos 28; 29; 30 e 32,1-8. Pensávamos, que este gesto do profeta teria sido, para mais uma vez, desvalorizá-las ou mesmo colocá-las num patamar inferior aos homens, como muitas vezes acontece na literatura bíblica, como podemos perceber na análise feita nos

primeiros itens deste capítulo. Mas nos surpreendemos ao entrarmos nas entranhas da perícopes (32,1-9), e percebermos que o profeta falou delas em particular para dizer: vós que esperávamos que fosseis diferentes, sois tão coniventes e culpadas quanto os sacerdotes, profetas e governadores desta cidade.

Mulheres tranquilas e seguras por vossa irresponsabilidade ireis passar fome e nuas lamentareis por não ter o que dar aos vossos filhos (32,11-12). A vossa casa de festa, os vossos palácios se transformarão em lugares abandonados, cheios de espinhos (29,1b; 32,13-14). Como podeis ficar tranquilas em alianças enganosas que provocam a morte da vossa casa (falta de comida, traz morte)? Que mulheres insensatas, como podeis ter rompido a aliança com Javé para firmardes alianças de morte? Morte para vossas casas, vosso governo e vossa sociedade? Ficamos imaginando o profeta fazendo estas e outras perguntas para as mulheres, de quem se esperava uma atitude diferenciada.

Muito interessante perceber o prisma em que o profeta faz a censura, pois não se compadece e usando o mesmo tom e a mesma severidade que fala à coroa de soberbos, aos profetas e sacerdote também, se dirige as mulheres o que nos faz perceber seu grau de responsabilidade nas alianças de morte não serem nem superiores nem inferiores a dos grupos citados. Responsabilizar as mulheres tanto quanto os homens sobre um problema tão profundo para Judá é um passo importante na profecia de Isaías. Pois diferencia-se das muitas profecias onde elas têm sido citadas apenas como vítimas (viúvas, mães e filhas) do processo político arquitetado pelos homens.

Neste sentido, apesar de Isaías trazer o pensamento coletivo que vê a mulher como mãe, esposa e dona de casa, que lamentará nua por falta de alimento para os seus, ele também nos apresenta uma mulher que tem responsabilidades políticas e sociais dentro do quadro de instabilidade política que se instaurara em Judá. Uma mulher participativa que deveria ter uma atitude diferente, mas que se aquietou e se firmou nas alianças que fez em conjunto com os sacerdotes, profetas e governantes em geral (28,15-18). Nisso consiste a singularidade desta perícopes. Todos e todas estão corrompidos e são culpados pela morte que viria sobre Judá. Pois todos e todas se tranquilizaram e se estabilizaram nas alianças de morte e não quiseram se estabilizar em Javé; não quiseram preservar a aliança de Javé (30,15).

Fizeram programas e arquitetaram coisas para o seu povo às escondidas. Assim agiam porque faziam coisas às avessas, porque sabiam que estavam errando, traindo a confiança de Javé quebrando sua aliança (29,15-16). Pois se estivessem de acordo com a aliança de Javé não precisavam esconder-se. E depois disso mentem (30,9-11), por isso vossas alianças vos trará a vossa própria ruína. São acordos com o *xeol*, ou seja, estais cavando vossas próprias sepulturas. E o lamento sobre os peitos pode ser visto também como luto, choro, não só por não haver comida, mas pela perda de seus entes queridos, tudo por sua própria culpa.

O fato de Isaías perceber que as mulheres tinham tanto poder quanto os homens, já denota uma abrangência maior em seu pensamento. Seu olhar detalhado e coerente fez entender a mulher fora da visão padrão (vítimas do sistema de dominação); e por isso, me faz pensar que, possivelmente, elas eram tranquilas e confiantes porque eram intimidadas pelos homens e pelas estruturas sociais e políticas que não reconheciam o seu direito à voz e à ação, que as obrigava a se manter tranquilas e confiantes. E Isaías

percebeu que as mulheres podiam e deviam levantar-se contra as atitudes dos homens, rebelar-se contra as alianças políticas feitas pelos governantes, tomar iniciativas, falar e agir, como pessoas que, como os homens, faziam parte da sociedade e deviam traçar o seu destino. De forma a garantir a sobrevivência de seus filhos e consequentemente, a sobrevivência da sua sociedade.

Referências bibliográficas

- Aquino, M. P. (1997). *A teologia, a Igreja e a mulher na América Latina*. São Paulo: Paulinas.
- Arns, P. E.; Gorgulho, G.; Anderson, A. F. (2004). *Mulheres da Bíblia*. São Paulo: Paulinas.
- Craghan, J. F. (1986). Esther: a fully liberated woman. *TBT* 24, 6-11.
- Craghan, J. F. (1982). Esther, Judith, and Ruth: paradigms of human liberation. *BTB* 12, 11-19.
- Eisenberg, J. (1997). *A mulher no tempo da Bíblia: enfoque histórico sociológico*. São Paulo: Paulinas.
- Eissfeldt, O. (1967). *The Old Testament: an introduction*. New York, Evanston: Harper and Row.
- Fuchs, E. (1985). In A. Y. Collins (Ed.), *Feminist perspectives on biblical scholarship* (pp. 137–144). Society of Biblical Literature.
- Flor, G. L. (2000). *A fé em Israel a partir da Monarquia* (Vol. 24). São Paulo: IEPG. (Série Ensaio e Monografias)
- Fohrer, G. (1982). *Estruturas teológicas fundamentais do Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas.
- Gebara, I. (1987). *Teologia ecofeminista: ensaios para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo: Olho d'Água.
- Gebara, Ivone. (2000). *Repensando o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gebara, I. (2000). *Repensando o silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gebara, I. (1991). *Poder e não-poder das mulheres*. São Paulo: Paulinas.
- Gerstenberger, E. S. (Org.). (1981). *Deus no Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE.

- Gerstenberger, E. S., & Schrage, W. (1979). *Por quê sofrer?* São Leopoldo, RS: Sinodal.
- Gössmann, E. et al. (Orgs.) (1996). *Dicionário de teologia feminista*, Petrópolis: Vozes.
- Gottwald, N. K. (1988). *Introdução socio-literária à Bíblia Hebraica*, São Paulo: Paulus
- Harris, R. L; Archer Jr., G. L.; Waltke, B. K. (Orgs.). (1998). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova.
- Kaiser, O. (1983). *Der Prophet Jesaja: Kapitel 13-39*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- Kaiser, O. (1974). *Isaiah 13-39: a commentary Philadelphia: The Westminster Press*.
- Laffey, A. L. (2018). *Introdução ao Antigo Testamento: perspectiva feminista*. São Paulo: Editoria Paulus.
- Ruether, Rosmary R. (1982). Feminist and Patriarcal religion: principles of ideological critique of the Bible. *Journal for the Study of the Old Testament* 22, 54-66.
- Schüngel-Straumann, H. (1966). In E. Gösmman (Org.). *Dicionário de teologia feminista* (p. 406), Vozes.
- Santos, V. I. (2003). *Um estudo de Zacarias 8,1-17 como base de reflexão sobre a reconstrução de Angola pós-guerra*, São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2003, 195p. (Orientador: Archibald Mulford Woodruff).
- Santos, V. I. (2005). Die Situation angolanscher Frauen: eine Nchkriegs-Analyse. In S. Lassak, K. Strobel (Orgs). *Von Priesterinnen, Riot Girls und Dienstmädchen: Stimmen für eine feministische Globalisierung von unten* (pp. 139-161). Edition ITP-Kompass.
- Schmidt, W. H. (2004). *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo, RS: Sinodal.
- Schökel, L. A. (1997). *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997. 798p.
- Schökel, L. A.; Sicre Diaz, J. L. (1988), *Profetas I: Isaías, Jeremias*. São Paulo: Paulinas.
- Anderson, A. F. (2003). *A história da palavra: a primeira aliança*, volume 2. São Paulo: Paulinas Siquem.
- Schüssler Fiorenza, E. (1996). *Pero ella dijo: prácticas feministas de interpretación Bíblica*. Madrid: Trotta.
- Schüssler, Fiorenza, E. (1988). Servir à mesa: Reflexão sobre a diaconia a partir da teologia feminista crítica. *Concilium [Diaconia: Igreja a serviço dos outros]* 218, 94–104.
- Schüssler Fiorenza, E. (2004). *Los caminos de la sabiduría: una introducción a la interpretación feminista de la Biblia*. Santander: Sal Terrae.
- Schüssler Fiorenza, E. (2000). *Cristología feminista crítica: Jesús, hijo de Miriam, profeta de la sabiduría*. Madrid: Trotta.
- Schüssler Fiorenza, E. (1995). *Discipulados de iguais: ekklesiologia feminista cristã da libertação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Schüssler Fiorenza, E. (1993). *Searching the scriptures: a feminist introduction*, v. 1. New York: Crossroad.
- Schüssler Fiorenza, E. (1996). *Feminist theology in Different Contexts*. London: Orbis Books.

- Schwantes, M. (2008). *História de Israel: local e origem*. São Leopoldo: Oikos.
- Souza, S. D. (Org). (2006). *Gênero e religião no Brasil: Ensaio feministas*. São Bernardo do Campo: Editora da UESP.
- Sweeney, M. A. (1996). Isaiah 1-39 with an Introduction to Prophetic Literature, (The Forms of the Old Testament Literature, XVI) Grand Rapids, Michigan, Cambridge U. K., 1996, 141-162.
- Sweeney, M. A. (1996). Isaiah 1-39 with an Introduction to Prophetic Literature, (The Forms of the Old Testament Literature, XVI) Grand Rapids, Michigan, Cambridge U. K., 1996, 79-113.
- Van de Kamp, P. W. (1987). *O Profeta Isaías: comentário a Isaías 1-39*. São Leopoldo: Sinodal.